

LINGÜÍSTICA

Índios se tornam alunos em curso inédito

Trinta e cinco nativos de 23 etnias diferentes se preparam no IEL para dar aulas em suas aldeias

Maria do Carmo Pagani

Numa proposta acadêmica inédita, um grupo de 35 índios de 23 etnias de todo o Brasil, e em estágios diferentes de escrita, viveram uma experiência ímpar no campus da Unicamp. Participaram de um curso de extensão em lingüística promovido pelo projeto "História e Conhecimento Lingüístico dos Povos Indígenas do Parque Xingu", coordenado pela professora Lucy Seki, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Realizado com apoio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da Unicamp, o curso teve como base a introdução de conceitos, técnicas e procedimentos da lingüística com ênfase no tratamento de aspectos da linguagem relacionados às práticas identitárias, comunicativas, argumentativas e educacionais.

O objetivo do primeiro módulo dessa experiência foi o de oferecer ao grupo, composto, entre outros, por kamaiurás, kayabis, ikpengs, kaingang, jurunas e tuparis, conhecimentos que poderão ser usados em benefício próprio, na reflexão sobre suas línguas. A aproximação com as téc-

nicas, acredita Lucy, poderá contribuir para que tenham maior controle sobre as ações relacionadas à língua e, além disso, participação mais efetiva nessas ações. "Pode ajudá-los, por exemplo, a participar das fases do processo de elaboração de um sistema de escrita relativa a seus idiomas", assinala. Segundo Lucy, que é também pesquisadora de línguas do Xingu, 230 grupos indígenas brasileiros, que utilizam 170 idiomas para se comunicarem, em grande parte são ainda ágrafos.

Intervenção — O contato com a leitura e com a escrita desses povos, que mantêm acentuada a tradição oral, lembra Lucy, se dá até hoje com a intervenção do branco e de sua língua dominante, que muitas vezes não leva em conta a tradição e os costumes das nações indígenas. Exatamente por isso a assimilação do conhecimento durante o curso foi de fundamental importância para que os grupos indígenas deixem de ser simplesmente sujeitos e se tornem agentes das pesquisas que visam conhecer seus idiomas. A maneira com que os estudos sobre as línguas desses povos são conduzidos até hoje leva o indígena a interferir pouco no processo, conduzido pelo pesquisador, agente detentor do monopólio do conhecimento da técnica de linguagem.

Nesse contexto a proposta con-

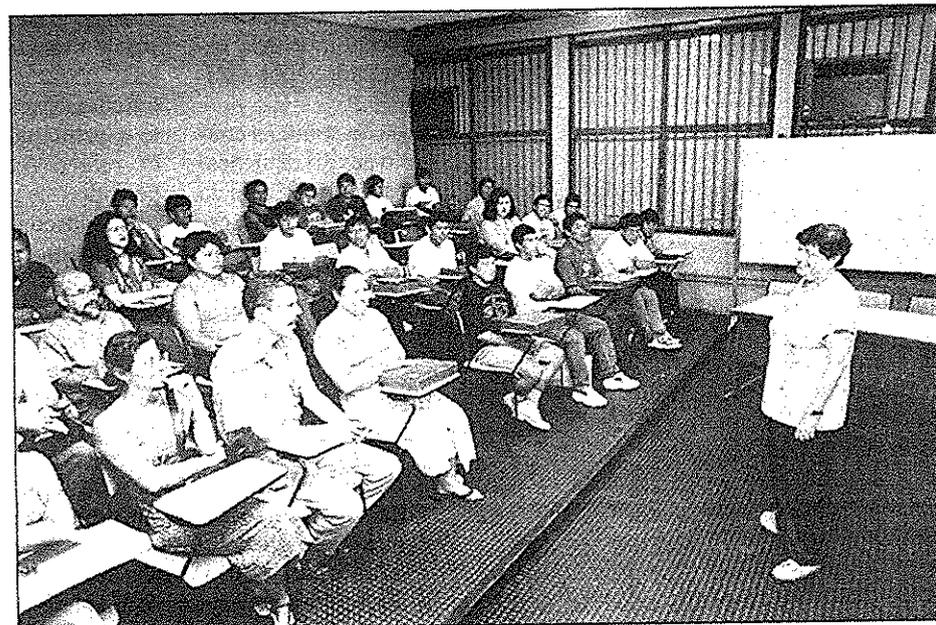
cretizada no IEL traçou o caminho para uma reversão do processo. O programa foi voltado para a auto-afirmação da identidade, para a valorização e revitalização das línguas e culturas indígenas e, ao mesmo tempo, buscou propiciar o domínio do português como instrumento capaz de possibilitar a troca de experiência com o mundo não-indígena. Exatamente por isso alguns critérios, como ser falante de sua língua materna, ter proficiência básica em português oral e escrito e viver na aldeia, definiram quem participou do curso.

Repasso — Outra preocupação, segundo a professora, foi a de que os participantes pudessem, de volta às suas comunidades, repassar os conhecimentos adquiridos. Em grande parte os índios que estiveram na Unicamp são professores nas aldeias onde vivem, ou

estão se preparando para desempenhar essa função. "Eles querem se apropriar do material de pesquisas feitas sobre suas línguas. E essa é uma boa forma de garantir o acesso aos trabalhos", garante a professora. Mais que isso, entende, eles passam a ter melhores condições de se comunicar com a sociedade envolvente, para a defesa de seus próprios interesses.

Acostumada ao contato com indígenas do Xingu, Lucy acredita que por meio de cursos como esse os indígenas poderão traba-

lhar na análise de suas línguas e desenvolver a reflexão sobre a importância de valorizá-las, preparar cursos em suas aldeias, elaborar suas gramáticas e, além disso, conquistar a autonomia em relação ao ensino bilíngüe. O interesse pelo curso foi demonstrado antes mesmo da chegada à Unicamp. Integrantes de aldeias do Xingu, por exemplo, tiveram de enfrentar uma viagem superior a quatro dias até o IEL, o que revela a disposição de povos que buscam a valorização de sua língua e de sua cultura. (M.C.P.)



Lucy Seki: programa voltado para a auto-afirmação da identidade